

A TRAJETÓRIA DO PROGRESSISMO EVANGÉLICO NO BRASIL

MURILO LIMA BRUM¹; LÉO PEIXOTO RODRIGUES²

¹*Universidade Federal de Pelotas – murilolimabrum@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – leo.peixotto@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A religião está presente dentro da trajetória da humanidade desde os seus primórdios. Muitas foram as teses acerca da secularização da sociedade com o advento da modernidade, baseadas, principalmente, no pensamento de que com o avanço da ciência e da criticidade, a dimensão religiosa seria aos poucos superada. Contudo, o que observamos no transcorrer da história, é que a religião se coloca como agente protagonista em vários momentos - alguns mais do que outros - em diversas sociedades. Nesse sentido, as religiões têm-se reorganizado, transformando, muitas vezes, suas práticas e discursos para se enquadrar em cada período, englobando os novos debates e desafios que surgem no mundo contemporâneo.

Quando tratamos de religião no Ocidente, logo o cristianismo nos vem à mente devido ao grande impacto que esse grupo teve na história e na organização do mesmo. Nos primeiros séculos, ao se tornar a religião oficial do Império Romano, a Igreja Católica, até então única representante deste segmento, assumiu um papel tanto no seu próprio campo (religioso), como político, papel esse que teve um aumento gradadito no decorrer dos séculos. Na Idade Média, nem é preciso comentar a sua centralidade, visto que estudamos desde cedo que é o auge do seu controle. Porém, na Idade Moderna, o poder centralizador do Catolicismo fez com que os soberanos europeus começassem a questionar essa autoridade e com a instauração de um sentimento antipapal, o ambiente se tornou propício para uma reforma religiosa. Essa reforma religiosa foi então lançada em 1517 na Alemanha pelo monge Martinho Lutero (1483-1546).

Essa reforma religiosa iniciada por Lutero deu nome a uma nova vertente da religião cristã (mesmo que essa não fosse sua pretensão), o protestantismo. O cristianismo protestante foi de encontro a contestação do poderio Católico, o que foi uma das causas que propiciou a difusão do mesmo na Europa. Com o contexto colonial acontecendo, vários missionários protestantes e até mesmo grupos de imigrantes começaram a espalhar essa ideologia em outros territórios e um deles foi o Brasil.

No caso do Brasil, no início houve grande dificuldade de difusão desta religião, pois como coloca CAVALCANTI (2001), os fiéis buscavam por uma experiência mais mística que não era vista no protestantismo. Por isso, em 1879, Miguel Vieira Ferreira, junto a um grupo de presbiterianos, criou a Igreja Evangélica Brasileira, uma versão do protestantismo adaptada a essa sociedade. O novo panorama, promoveu um avanço e facilitou a multiplicação das igrejas evangélicas em solo brasileiro.

Deste então, a que passou a ser chamada Igreja Evangélica se proliferou em solo brasileiro, principalmente a partir das fragmentações dessa denominação, como o pentecostalismo. Hoje, conhecemos o campo evangélico a partir da sua heterogeneidade, ou seja, há distintas formas de se viver essa fé e uma delas é a ala conhecida como progressista.

Os evangélicos progressistas emergiram no cenário religioso brasileiro nos anos 1930, com a Conferência Evangélica do Brasil (CEB), e ganharam visibilidade durante a redemocratização, especialmente com o Movimento Evangélico Progressista (MEP) em 1989, que se alinhou a figuras como Lula e Brizola. Contudo, a ascensão da direita evangélica a partir dos anos 2000 marginalizou essa vertente, que foi ofuscada pela grande mídia. Somente a partir do panorama político que se mostrou em 2018, é que o progressismo evangélico começou a se reorganizar como uma resposta à hegemonia conservadora, agora alinhando-se à extrema-direita.

Nesse sentido, essa pesquisa tem por objetivo, investigar, por meio de um olhar sociológico, como esses grupos progressistas evangélicos constituí-se hoje na sociedade brasileira. Para isso, será preciso analisar quais foram os outros motivos que levaram a sua ascensão, pensamento na questão do discurso presente na fala de cada grupo, nas problemáticas levantadas e em outras frentes que irão tocar nessa lógica do indivíduo, que segundo Weber, são maximizadores dos seus interesses individuais (WEBER, 2013).

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada será História Oral híbrida e temática, fazendo uso de entrevistas para trazer os conceitos de memória, identidade e das vivências dentro desse movimento e também para responder questões a respeito dos posicionamentos tomados. A escolha da História Oral como metodologia se dá pelo fato de que com ela podemos coletar informações que não existem em outros tipos de documentos, como experiências pessoais, por exemplo, para poder se fazer um cruzamento dessas memórias com outras fontes (DELGADO, 2010; ALBERTI, 2004).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa encontra-se em uma fase inicial, onde há um foco no levantamento bibliográfico do que foi produzido até então, sendo realizado a partir de fontes escritas, para posteriormente poder se começar com as entrevistas propriamente ditas.

Neste momento da pesquisa, pode-se evidenciar alguns pressupostos no que diz respeito a este grupo. Um deles é a reintrodução do evangelicalismo numa ênfase de justiça social, que tem sido historicamente negligenciada pelo cristianismo ocidental. Há um posicionamento de defensores dos excluídos e subvalorizados, como mulheres e a comunidade LGBTQIA+. No entanto, a necessidade de um resgate dessa noção de justiça social, revela uma crítica profunda à maneira como o evangelicalismo tradicional tem tratado questões de inclusão e equidade, apontando para a urgência de um diálogo mais aberto e inclusivo dentro do próprio cristianismo. Essa luta contra a hegemonia evangélica conservadora não apenas redefine sua identidade, mas também desafia a própria estrutura do poder religioso, exigindo um retorno aos valores centrais do cristianismo que promovem o acolhimento e a justiça social.

4. CONCLUSÕES

Pesquisas relacionadas aos grupos evangélicos abordando questões sociais e políticas são cada vez mais importantes no Brasil, pelo fato de o grupo ter

englobado uma parcela grande da sociedade e segundo levantamentos, essa parcela tende a se tornar maior com o passar dos próximos anos. O histórico para chegar-se a esta conclusão, podemos ver nos próprios dados do IBGE.

Essa fragmentação cada vez maior dentro do evangelicalismo, faz com que o estudo dos novos movimentos que integram esse grupo sejam essenciais para entendermos a sociedade atual. Ao nível político no Brasil, por exemplo, possuímos hoje uma frente parlamentar evangélica com 132 deputados e 14 senadores, além dos parlamentares que também são evangélicos, mas não se alinham à ala direitista. Ou seja, vivemos um momento histórico onde não podemos negar a influência dos movimentos evangélicos para a sociedade na sua totalidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Ouvir contar. **Textos em História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CARTA CAPITAL. **Bancada Evangélica define Eli borges como novo líder em 2023.** Disponível em:
<https://www.cartacapital.com.br/politica/bancada-evangelica-define-eli-borges-com-o-novo-lider-em-2023/>

CASTRO, André. **Uma breve história da Teologia da libertação Protestante e suas implicações teológicas** / André Castro. São Paulo: Editora Recriar, 2022.

DELGADO, Lucília. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FERREIRA, Manuela Lowenthal. **Evangélicos e Extrema direita no Brasil: um projeto de poder**. Revista Fim Do Mundo, 1(01), 46–71, 2020. Disponível em:
<https://doi.org/10.36311/2675-3871.2020.v1n01.p46-71>.

GILL, Lorena e SILVA, Eduarda. **Perspectivas para a História Oral**. In: **Pedro Robertt; Carla Rech; Pedro Lisbero e Rochele Fachinetto. (Org.)**. Metodologia em Ciências Sociais Hoje: Práticas, Abordagens e Experiências de Investigação. 1ed.Jundiaí, Santa Catarina: Paco Editorial, 2016, v. 2, p. 107-126.
<https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2021/05/Historia-Oral-e-suas-perspectivasmetodologicas-capitulo-de-livro.pdf>

IBGE, **Censo 2022**. Disponível em:
<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html?=&t=destaques>

LACERDA, Fabio. **Pentecostalismo, eleições e representação política no Brasil contemporâneo**. / Fábio Lacerda ; orientador Paolo Ricci. São Paulo, 2017. 144 f. Tese (doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Ciência Política. Área de concentração: Ciência Política.

LIBANIO, J. B. Teologia da libertação, roteiro didático para estudo. São Paulo: Edições Loyola, 1987.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. História oral: com o fazer, com o pensar / José Carlos Sebe Bom Meihy, Fabíola Holanda. - 2. ed., 4 a reimpressão. - São Paulo : Contexto, 2015.

SANCHIS, Pierre. Desencanto e formas contemporâneas do religioso. Revista Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, v. 3, n.3, p. 27-43, 2001.

SANTOS, Douglas Alessandro Souza. Os desigrejados: um caso de reconfiguração religiosa entre os evangélicos brasileiros no contexto da modernidade radicalizada / Douglas Alessandro Souza Santos – 2018. 180 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara).

SANTOS, Roberto dos. Sociologia da religião: origem e importância. Revista científica eletrônica Imperium. Edição Revista n. 1. Disponível em: <https://imperium.org.br/sociologia-da-religiao-origem-e-a-importancia/>

WEBER, Max. A ética protestante e o espirito do capitalismo. Tradução de Mário Moraes. São Paulo: Martin Claret, 2013.